

PADRE ZÉ MACACO

Éramos alunos de uma escola católica dos Irmãos Maristas. Muito tradicional. Tínhamos aulas de religião diariamente com doutrinação e rezas.

Os alunos, meus colegas, se diziam católicos, o que era adequado e prudente em tal ambiente religioso, mas não era totalmente verdade. Parte deles, na qual me incluía, era cética sobre a religião. Achavam estranho que adultos e professores, acreditassem naquelas coisas inverossímeis, descritas na Bíblia e nos catecismos. Acreditavam ainda menos nos rituais religiosos da expiação dos pecados, a confissão, a comunhão e a penitência.

Negar estas práticas significaria sermos excluídos do colégio.

Durante o ano confessávamos nossos supostos pecados, cumpríamos as penitências estabelecidas pelo padre e comungávamos durante as missas, que eram diárias, e segundo o rito, ficávamos novamente em estado de graça, situação à qual não víamos a diferença de como éramos antes. Pelo catecismo, só era vantagem se morrêssemos ali mesmo, naquele momento, para termos acesso imediato ao céu e ao paraíso. Aliás estes diferiam segundo a cabeça de cada um de nós.

Esta liturgia se repetia uma vez a cada mês começando pela fila para o confessionário. Lá entre as treliças do cubículo confessional o padre Eugênio ouvia cada aluno discorrer seus pecados que em geral eram copiados a partir do glossário de pecados contido nos missais de cada aluno. Percorriamo os pecados mortais e veniais escolhendo os menos graves para declará-los ao padre Eugênio, mais conhecido entre os alunos como Zé Macaco. Era um apelido racista pois o padre era um mulato escuro, baixinho, atarracado e mal humorado. Reagia aos relatos dos alunos exclamando em voz alta, “ABSURDO”, “GRAVÍSSIMO”, “INACEITÁVEL”. Tal atividade podia levar o dia todo pois eram muitas turmas a atender. Tão logo se recebia a penitência devida alguns começavam a cumprila. Rezavam tantos “padre Nossos”, tantas “Ave Marias”, tantos “Credos” e tantas outras coisas, como assistir às missas diárias por uma semana ou mais, participar de um grupo de orações ou da limpeza das imagens e do altar da capela da escola.

Mas isto só era cumprido por aqueles católicos de verdade. A maioria ou fingia cumpri-las ou simplesmente as desdenhava. Culminava toda essa função no dia da missa quando se comungava solenemente, tomando a “hóstia sagrada” de forma compungida. Os padres alertavam que se não houvesse sincero arrependimento e se cumprisse a penitência direitinho a alma não estaria perdoada dos pecados, logo, caso se morresse ali, o inferno estava garantido.

O principal espetáculo, no entanto, era no dia das confissões com o Zé Macaco.

Havia alguns alunos, conhecidos por serem histriões, que se prestavam a desempenharem suas vocações cômicas na hora da confissão. A começar com o Armando “bundinha”, uma ás da comédia colegial com a adesão de outros talentos de

tal modo que era de fato uma peça quase teatral de bufonaria. Havia até um ensaio antes das confissões onde se escolhiam os temas principais:

- Eu vou ser o punheteiro- Dizia um.
- Eu vou roubar o dinheiro da carteira de meu pai - Dizia outro
- Eu vou “matar” a missa - Mais outro.

Como sempre o Armando “bundinha” era o clímax das pantomimas da confissão.

- Eu vou bater na minha mãe e bolinar a empregada.

O que podia até ser verdade.

Tomávamos o cuidado de não citar o consumo de álcool ou drogas, que pareciam ser pecados irredimíveis.

Logo na primeira hora da manhã, os alunos se ajeitavam nos bancos da Capela aguardando a chegada do Zé Macaco. Ele surgia por detrás do Altar, sempre rápido e carrancudo,, e imediatamente ordenava que os alunos rezassem com ele vários “Padres nossos”, “Aves Marias”, “Confessos” e finalmente o ato de Contrição. Isto feito punha-se dentro do confessionário e chamava um a um os alunos. Era um atendimento rápido pois os alunos eram instruídos a escreverem seus pecados a partir da lista contida nos missais. Não podia ter mais de três pecados, sendo um mortal obrigatoriamente; Ouvia-se apenas os murmúrios vindos da cabine e logo o aluno saía, sempre de cabeça baixa em posição de humildade, como instruído previamente.

Então começavam as confissões arranjadas. Sabíamos quais eram previamente de modo que o primeiro seria masturbação. Passados alguns minutos o primeiro brado do Zé Macaco:

- MUITO SÉRIO, MUITO SÉRIO.

Veio o segundo brado com o ladrão:

- INACEITÁVEL, GRAVÍSSIMO;

E seguia o rol de exclamações indignadas até que foi a vez do Armando “bundinha”. Fez-se silêncio enquanto se ouvia o murmurar do aluno e subitamente o Zé Macaco saiu do confessionário, agarrou o baço do Armando e aos berros:

- FORA! FORA! SAIA DAQUI AGORA. INFAME, PECADOR. NÃO TEM COMO ABSOLVÊ-LO.

Fora de controle, irritadíssimo com os alunos que se esbaldavam de rir, o Zé Macaco encerrou as confissões e nos pôs dali para fora.

O caso foi parar na direção do colégio, mas só o Armando “bundinha” foi punido. As confissões deixaram de ser feitas daquela forma e apenas os alunos que se inscreviam eram atendidos. em horários pré-determinados.